ANO 6.º — Sexta-feira, 7 de Março de 1913 — NUMERO 262

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . Esc. 1,20
Semestre . . . . « 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . « 2,50
Avulso . . . . « 0,02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Contribuição predial

O pouco que sobre este assunto vâmos dizer implica sómente a idéia de que mais facilmente êle se torne compreensivel aos que por deficiencia de conhecimentos o não atinjam claramente e ainda aos que, por odio ao regimen e facciosa oposição a tudo que dêle dimane, não possam continuar a argumentar ainda que, com falsas razões, contra a lei de 15 de abril, que, regulando a contribuição industrial, veio prestar ao pobre proprietario um beneficio justissimo.

Apezar porém de toda a justiça que se tornou o unico objectivo dêssa lei, aquêles que por varios e variados motivos podéram sempre esquivar-se a proporcionalmente pagar quanto por direito lhes tocava e cabe, tratam nêste momento de combater por todos os meios as disposições duma lei que termina com privilegios que não cabem dentro dum regimen como o que, felizmente, regula os destinos da Patria.

Num resumido mapa, que bem mais alto fala que quantas considerações sobre o caso podéssemos fazer, verá o leitor quanto benefica e equitativa é a nova contribuição predial na sua aplicação e distribuição.

O numero total dos proprietarios é de **1.620.133.**

Proprietarios já isentos anteriormente á lei de 15 de fevereiro, isto é, tendo colectas inferiores a 10 centavos....	**428.916**
Proprietarios que deixam agora de pagar contribuição depois da lei de 15 de fevereiro, isto é, com rendimento colectavel inferior a 10 escudos.........	**515.518**
Proprietarios pagando menos do que pagavam antes da referida lei..................	**570.266**
Proprietarios que ficam a pagar o mesmo que pagavam	**73.029**
Proprtetarios que pagam mais................	**32.374**
	1.620-133

Dêste mapa se vê que a isenção do imposto abrange os proprietarios com rendimento colectavel superior a 10 escudos, incluindo no seu numero, além dos 428.946, que eram os unicos isentos, por possuiram colectas inferiores a 10 centavos, mais **515.518 proprietarios,** isto é quasi a terça parte do numero total dos contribuintes em todo o país. Pagam menos, **570.266;** pagam o mesmo **73.029;** ficam sobrecarregados apenas **32.374,** isto é cêrca de 2 0|0 cento do total dos contribuintes, apesar de ter sido corrigida a avaliação dos predios em 1,9.

Nem todos os proprietarios fôram sobrecarregados da mesma maneira. O imposto, sendo distribuido com justiça, tinha que afectar mais os que mais possuem. Vejámos como foi distribuido o aumento real das contribuições entre esses 32.374 proprietarios:

Proprietarios que ficam pagando	
mais 1 0|0..........	16:806
mais 2 0|0..........	9:057
mais 3 0|0..........	4:177
mais 4 0|0..........	1:850
mais 5 0|0..........	363
mais 6 0|0, etc.......	121
	32:374

Como se vê, metade dos proprietarios cujas contribuições aumentam paga apenas mais 1 por cento do que pagava!

Provado assim, pela eloquencia dos numeros, o resultado benefico e equitativo da nova lei, facil será compreender porque éla foi tão acintosamente combatida.

E' que isentando muitos pobres e beneficiando outros, atingiu os poderosos e os ricos que no tempo da outra *senhora* gozaram sempre da mais descarada e dissolvente protecção.

E mais nada.

PADUA CORREIA

Num quarto particular do Hospital de Santa Marta, em Lisboa, onde se achava a tratar-se duma pertinaz doença, faleceu na terça-feira ás 10 horas, o nosso amigo sr. Antonio de Padua Corrêa, deputado pelo circulo de Lamego e uma das figuras de maior destaque do partido republicano em que se notabilisou como jornalista de combate e orador.

Padua Corrêa era ainda novo, mas deixa uma vasta obra em pról da Republica, que nêle teve um esforçado propagandista quando ainda era uma simples aspiração o seu advento. Em muitos comicios, congressos e reuniões o encontrámos discutindo com ardôr, e com veemencia tratando dos interesses do país.

A Aveiro veio êle inumeras vezes lembrando-nos ainda o papel que desempenhou por ocasião da campanha liberal de 1904 em que foi um dos maiores auxiliares dos republicanos désta cidade então envolvidos numa formidavel luta com os elementos reaccionarios que aqui pretendiam levar a efeito um cortejo em honra da Imaculada Conceição.

Colaborador assiduo de vários jornais democraticos, o extinto deixa por êles dispersos artigos de alto valor, que o tornáram conhecido como um dos nossos primeiros polemistas e escalpelisador das masélas monarquicas.

Antes da proclamação da Republica viveu no Porto, tendo frequentado o liceu e depois as aulas do Instituto Industrial e Comercial onde tirou o curso superior do comercio. Tomou parte em muitos movimentos academicos do seu tempo contra o clericalismo estando ainda na memoria dos que mais de pérto acompanhavam êsses movimentos o importante papel desempenhado por Padua Corrêa na questão Calmon e a seguir contra o convénio em que se revelou um audacioso panfletario a quem nada intimidava ou fazia fraquejar. Dirigiu *A Voz Pública* e nos ultimos tempos do regimen deposto fez circular um panflêto—*O Pão Nossa*...—que teve lisongeira acolhida pelos vigorosos artigos de propaganda nêle insértos.

Com Antonio de Padua Corrêa desaparéce para sempre um convicto republicano cujo desinteresse era uma das suas principais caracteristicas além das raras faculdades de trabalho e inteligencia que ninguem jámais lhe negou.

Lamentando o seu prematuro passamento, o *Democrata* espargê sobre a campa do malogrado jornalista as flôres de intima saudade a que lhe dá direito toda uma vida de sacrificios por o Ideal a que andam ligados os destinos da Patria.

Relances

—==*==—

Adeus consules... de Banana

O *Dia*, o inegualavel *Dia*, dilecto parente da rabujenta *Nação*, recebeu com incendiados adjectivos o regulamento disciplinar dos funcionarios civis que o *Diario do Govêrno* publicou num destes dias.

Nem podia deixar de ser! Sempre que se trate de moralisar, o *Dia* bérra desesperadamente; e aquele regulamento é tudo quanto ha de mais moralisador.

E' vêr o seu artigo 5.º que résa assim:

> Considera-se infracção disciplinar todo o acto ou omissão contrária aos deveres profissionais do funcionário, e designadamente a prática de actos de manifesta hostilidade contra a Republica ou ofensivos da sua constituição, a inobservancia das disposições legais e das ordens a que estiver sugeito o serviço público respectivo, e em geral qualquer acto ou omissão disciplinarmente punida por este regulamento.

Depois disto o que résta ao funcionalismo? Ser assiduo e zeloso e não praticar actos que manifestamente ofendam as instituições.

E' a doutrina adorada por todos quantos nem deixam de exercer os seus direitos nem se eximem ao cumprimento dos seus deveres.

Mas o *Dia* berrou; e berrou porque, dóra ávante, todos os consules de Banana ou modificam os seus costumes maus ou... adeus.

Ir buscar lã...

Houve ha dias uma *causa célebre* no tribunal de Aveiro, e, contra os meus costumes, fui-me até lá.

Respondia o *Democrata* por, em desagravo, ter agravado o director dum outro jornal da localidade.

Pois assisti a este espectaculo interessante:—durante umas longas nove horas o autôr foi condenado a ouvir em linguagem falada, perante um auditorio imponente, muitissimo mais que em linguagem escrita lhe dissera o *Democrata* e provocára a querêla! E no fim o juri deu como devidamente explicados os fundamentos do agravo do *Democrata*.

E' o tal caso de ir buscar lã e vir... tosquiadissimo.

Se as mulheres governassem...

A conhecida escritôra sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho acaba de coleccionar, em um volume intitulado—*Coisas de agora*, alguns artigos seus que já viram a publicidade na imprensa brazileira; e, referindo-se num dêsses artigos á mulher na democracia, chega a concluir que se as mulheres governassem o mundo, muito possivel era que o mundo andasse mais direito...

O mundo, não sei; mas que os homens andavam mais direitos não tenho eu duvidas...

Descaramento

Num jornal monarquico de Lisboa, com data de 24 de fevereiro passado, vejo isto com letras maiusculas e tudo:

A rainha senhora D. Amelia telegrafou de Richemond ao sr. dr. Tomaz de Mélo Breyner, etc.

De onde diabo é rainha aquéla senhora?

Mesmo que o seja da destemperada mioleira e adjacencias de quem superintende na gazêta que tal publica, nem por isso a noticia deixa de traduzir um irritante descaramento em que mais hoje mais ámanhã as autoridades competentes hão-de atentar.

Estado... de pôdre

O antigo escritor Carlos Malheiro Dias que com rara habilidade e graciosidade escreve o português, vem de ha mezes publicando uns pequenos folhetos, caros, sobre o estado atual da causa monarquica em Portugal.

São de exagerado preço os folhêtos exactamente para compensar a aterradora falencia de leitores; e eu lamento a carestia porque se aquilo não fôsse tão caro tambem de vez em quando compraria um exemplar.

E porque o *Estado atual da causa monarquica em Portugal* me pudésse trazer sensações novas? Não.

Compraria um ou outro folhêto simplesmente para mais vezes apreciar a rara habilidade e graciosidade que o ilustre escritôr monarquico Carlos Malheiro Dias há de pôr nêsses trabalhos, que á primeira vista não deixarão perceber que o estado atual da causa monarquica em Portugal tem sido, é e será o estado... de pôdre.

O demagôgo

O Dia fez anos num dêstes dias e numa das suas tristes vénias da 1.ª pagina do numero comemorativo diz assim:

O Dia ficou de pé. Dêsses escombros do passado êle resta ainda com o mesmo convicto amôr por uma Liberdade que não é esta, com o mesmo apaixonado cu'to por uma Democracia pura de que nésta não encontrâmos a mais apagada imagem!

Que grande ratão! Com um apaixonado culto por uma democracia pura o atual monarquico *pur sang* e o reaccionario encartado!?

E a fingir que ignora, o impostor, que nos tempos correntes, e na maioria das sociedades modernas, a democracia pura é a demagogia!

Clemente Morêno

Congresso republicano

—==(*)==—

Está publicado nas suas linhas gerais o programa do proximo Congresso do Partido Republicano Português que nésta cidade déve ter logar nos dias 5, 6 e 7 de abril e ao qual, segundo consta, virão assistir quasi todos, se não todos, os membros do atual ministério.

Assim, na primeira sessão, ás 14 horas, proceder-se-á á nomeação do presidente e respectivos secretários indicados por aquêle, tendo em seguida logar a leitura do relatorio politico do Directorio; leitura do relatorio e contas da Junta Administrativa; leitura de propostas e alvitres apresentados por qualquer congressista e de que tenham sido distribuidos, impressos, exemplares por todos os congressistas; nomeação das respectivas comissões para darem parecer sobre os relatorios, propostas e alvitres apresentados; resolver sobre o tempo que deve durar cada sessão e o tempo que no fim de cada sessão deve ser reservado para tratar de assuntos que não constituam ordem de trabalhos; resolver qual o numero de vezes que ao congressista é dado falar sobre cada assunto e ainda qual o tempo durante que póde falar de cada vez. No final de cada sessão a assembleia indicará o presidente para a sessão seguinte. No principio de cada sessão o presidente nomeará os seus secretários.

Segunda sessão, ás 21 horas: discussão dos pareceres que fôrem apresentados.

Terceira sessão, 6 de abril, ás 13 horas: discussão dos pareceres que fôrem apresentados; ás 15 horas, cortejo civico a José Estevam Coelho de Magalhães. A organisação e itenerario do cortejo será objecto de indicações especiais que serão publicadas pela imprensa.

Quarta sessão, ás 21 horas: discussão dos restantes pareceres.

Quinta sessão, 7 de abril, ás 13 horas: eleição do Directorio e Junta Administrativa (se o Congresso resolver que continue a atual organisação); escolha do local onde se deve realizar o futuro Congresso ordinario de 1914; encerramento do Congresso; ás 15 horas, passeio na ria de Aveiro. A organisação e itenerario dêste passeio será oportunamente indicado pela imprensa. A's 20 horas, jantar de fraternidade republicana, ao qual assistirão os congressistas que para esse fim se tenham inscrito até ás 21 horas do dia 6.

A comissão aveirense que sobre si tomou o encargo de arranjar comodidades para os congressistas tem continuado nos seus trabalhos, resolvendo já com o sr. Paulo Bergamin a montagem de um hotel nésta cidade o que de cérta maneira veio aplanar as dificuldades existentes antes de tal lembrança ter sugerido.

O Congresso realisar-se-á, pois, aqui, visto estar assegurado a todas as pessoas de fóra o mais necessário: cama e mêsa nas melhores condições.

OS. MONARQUISTAS

—==((*))==—

No tribunal militar de Coimbra terminou no fim da ultima semana, depois de algumas sessões agitadas, o julgamento dos implicados na tentativa de destruição de pontes do caminho de ferro por meio de dinamite e de cujo *complot* fazia parte o famigerado padre Abel da Conceição redactor do pasquim reaccionario *Ecos do Vouga*, além doutros colégas dos concelhos de Aveiro, Agueda e Oliveira do Bairro.

A sentença, condenatória para a maior parte dos réus, foi assim proferida:

Padre Abel da Conceição e Silva, 6 anos de prisão celular ou 9 de degredo em possessão de 1.ª classe; padre Antonio Vieira, 6 anos de prisão celular seguidos de 10 de degredo ou na alternativa de 20 em possessão de 1.ª classe; padre Francisco Alves, 15 mezes de prisão correcional e 10 de multa a 20 centávos por dia levando-se em conta a prisão sofrida; padre Joaquim Ferreira Manêta, 4 anos de prisão celular ou 6 de degredo em possessão de 1.ª classe; Rodrigues Loureiro, 6 anos de prisão celular seguidos de 12 de degredo ou na alternativa de 20 em possessão de 1.ª classe; padre Santos Silva, 4 anos de prisão celular ou 6 de degredo em possessão de 2.ª classe; José Diniz, 6 anos de prisão celular seguidos de 12 de degredo ou na alternativa de 20 em possessão de 1.ª classe; padre Serafim Dias Ferreira, 6 anos de prisão celular, seguidos de 12 de degredo ou na alternativa de 20 em possessão de 1.ª classe e padre Rodrigues de Almeida, Silva Pereira, Matos Ala, Ferreira Nogueira, Albino Nogueira e dr. Carvalho e Silva, absolvidos.

Não comentâmos. Apenas queremos que no espirito dos nossos leitores fique bem registada a intervenção do padre na urdidura de crimes tão monstruosos como aquêles que se preparávam para pôr em pratica.

Evangelicas... creaturas!

DIL-O O "CAMALEÃO,,

. . . . Não fica bem á Republica que exclusivamente sobre determinados individuos faça cair o rigor das suas leis.

Elas fôram feitas para todos. Assuma cada qual o quinhão das suas responsabilidades. Desegualdades não pódem ser para estes tempos nem para o regimen que se pretende defender por tal maneira.

Apoiadissimo! Assim, o tenente medico miliciano Pereira da Cruz, réu do mesmo crime, não póde ser mais nem menos que o *Melro*, o *Sarrilhas*, o *Cancélas* e o *José Cuco*. Se estes fôram julgados e condenados a penas de prisão, por se provar terem contratado com varios individuos a sua isenção do serviço militar, aquêle é preciso que egualmente dê contas á justiça das *escroqueries* de que é autor.

Alguma vez haviamos de chegar a acordo: nós e o orgão da *firminada*...

Serviço de administração

Mandámos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata,, vencidos ou prestes a vencerem-se, do que dâmos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitárem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

Á volta do caso Pereira da Cruz

Protecção escandalosa

Com a compléta convicção pública de que são absoluta e inteiramente verdadeiras as burlas de que aqui temos vindo tratando, vai para sete mêses, animados apenas pelo respeito que nos merece a Republica, de dia a dia se avoluma tambem o público desejo de que toda a luz seja feita, da qual resulte o cabal reconhecimento do culpado que independente de todas as circunstancias, com que tem pretendido eximir-se á responsabilidade inerente aos seus actos, tem fatalmente de com éla arcar e por éla responder.

De longe vem o firme proposito, manifestado de todas as fórmas e feitios, por que ao sr. Manuel Pereira da Cruz não pessa contas ajustiça, militar ou civil, em relação aos actos por ele praticados e que uma junta inspeccionadôra composta de oficiais medicos militares trouxe ao conhecimento público com provas irrefragaveis além doutras por nós obtidas que são a confirmação compléta das anteriores.

O sr. Manuel Pereira da Cruz, protegido descaradamente por membros da sua familia, que toda a gente conhece e aponta a dédo, tem conseguido, senão em absoluto pelo menos em parte, o fim a que pretende sem contudo ter obtido quanto desejava, porque nem todos se prestam a concorrer para quo se proteja um criminoso, quando déssa protecção resulte prejuizos para segundos.

Como tem os protectôres do sr. Pereira da Cruz obtido tolerancia dos que rigorosamente deviam fechar os ouvidos a toda a solicitação daquele género, não sabemos. O que sabemos é que éla se tem manifestádo e, segundo nos informam, é vergonhosamente palpavel na organisação de todo o procésso militar, que fechou com aquéla chave douro no famoso despacho que diz—*arquive-se por falta de provas!*—frase que o sr. dr. Marques Loureiro, pronunciou no tribunal com o tom do mais compléto desdem e despréso, na intima intenção de o atirar sobre nós, pela falta de verdade e de justiça que nos assistisse na condenação, que aqui temos sustentado, de actos vergonhosos e de burlas repugnantes dentro da Republica por quem déla se fez adepto para melhor e mais seguramente as poder praticar!

Não estâmos sós—não—convençam-se disso todos os protetôres da ignobil traficancia.

Com nósco não está sómente a opinião pública sem discrepancia; estão tambem homens de representação, homens de bem, conhecedôres absolutos da verdade indiscutivel de quanto vimos aqui afirmando, republicanos que se fizéram pelo seu patriotismo e pelo seu civismo—puro e simples—e que na sua alma limpa e isenta de crimes, de burlas e de negociátas escuras, não lhes cabe o criminoso silencio nésta hora de apuramento de culpas!

Esses homens ofenderiam e vilipendiaríam a sua propria dignidade se não déssem o seu decidido concurso á razão, á justiça e á verdade.

Por isso, ao nosso lado enfileiram não como honrosa destinção pessoal para nós, mas como devido preito de homenagem á Republica, ao Ideal que todos nós servimos, cada um no seu campo, no seu logar, mas todos possuidos da igual purêsa de sentimentos tendentes ao engrandecimento moral das instituições vigentes!

Pois quê? Nos redutos onde de largos anos combatemos, com risco da vida e sacrificios de toda a espécie, a peito descoberto, as imoralidades vergonhosas e ultra deprimentes da monarquia, sem mais desejo doutra recompensa do que a dignificação moral désta pobre nacionalidade, que uma malta descaráda e cinicamente criminosa mercadejava sem escrupulos, teriâmos agora, que triunfámos, de cometer o maior dos crimes, calando miseravelmente o conhecimento de infamias da grandêsa daquélas que o sr. Pereira da Cruz vem praticando?

Ainda que só ficassemos, que das nossas palavras obtivéssemos apenas o seu proprio éco, que nos submetessem ás maiores torturas, intercalando com os gemidos de dôr manteriâmos a nossa acusação, firme, tenaz, absoluta, como tudo quanto provém da verdade inconfundivel e da consciencia absolutamente segura e inabalavel.

Manuel Pereira da Cruz, ha mais de 20 anos, negoceia abusivamente em isenção de mancebos do serviço militar!

Se todos quantos conhecem por experiencia propria ésta verdade a quizéssem vir confirmar, trazidos para esse fim pela prática honrada dum acto de consciencia, nós teriâmos centenas de testemunhas.

Mas—*graças a Deus!*—como diría o imortal *bichêza*, ha no entanto quem pugne decididamente para que a justiça não fira quem por éla se bate, quem por éla lute sem outra recompensa mais do que o seu triunfo.

E esses, pela sua posição de destaque, pela sua representação social, bem conhecendo até de quanto calunia sobre eles será vasada, como já sucéde, e de quantos atritos a sua conduta lhe erguerá na vida, como já se pretende, marcham impávidos e seguramente serênos na defêsa dos que pretendem, como nós, arredar de junto do berço do joven regimen os prostituidos, os criminosos de variadas espécies, os *escrocs* e os burlistas, que pretendem continuar a sua vida crapulosa e indigna, na impunidade, que os miseraveis sonharam, como proveniente da sua hipocrita e jesuitica adesão aos novos principios!

Se a descoberta dos seus crimes lhe impuzésse o silencio de culpados; se intimamente convencidos da verdade das nossas fulminantes acusações procurassem atenual-as e emudecel-as, com a isenção compléta da sua pessoa no cometimento de novas proêzas, a confissão implicita do seu sincéro arrependimento só lhes traria a comiseração pública e assim penitenciádos, far-nos-iam esquecer o seu errado procedimento.

Mas o seu procedimento, manifestado na teimosía inadmissivel de que, tripudiando sobre os seus crimes, ainda devem impôr-se no conceito público como almas impecaveis, como puritânos imaculados, irrita e revolta-nos como a toda a gente que como esses tartufos, não julgam a honra uma utopia, a dignidade uma ficção!

E, assim, dia a dia aumenta o numero dos que não pódem, não querem e não devem concorrer com o seu silencio e inércia, para que tente e se esforce éssa trópa fandaga no conseguimento da impunidade que lhes permita a continuação dos seus actos repugnantes e criminosos trazendo-lhe para as algibeiras os miseros mil reis que a ignorancia dos explorados voluntáriamente lhe entrega.

Mil vezes não—pela honra da Republica, da Justiça e da Verdade!

O aniversário de "O Democrata,,

Além doutros cumprimentos, que seria fastidioso enumerar, mas que nos apraz agradecer, registâmos os que nos são feitos por alguns colégas, significando-lhes tambem o quanto nos penhoram as referencias amaveis em que se acham envolvidas as suas saudações.

De *O Radical*, de Oliveira de Azemeis:

"O Democrata,,

Completou o seu 5.º ano de existencia este nosso presadissimo colégа aveirense, de que é director o nosso velho amigo Arnaldo Ribeiro.

E' um vigoroso semanário republicano radical, que tenazmente tem combatido em prol da Republica.

Enviando-lhe as nossas saúdações, desejâmos-lhe a continuação das suas prosperidades.

De *A Portugueza*, de Aveiro:

"O Democrata,,

Entrou no 6.º ano da sua publicação este nosso presado colégа local.

Embora não concordémos com a fórma por que êle trata a maior parte das questões, justo é dizer que, coerentemente com o seu passado anterior a 5 de outubro, em que foi bastante perseguido, o *Democrata* continua combatendo muitas imoralidades.

Felicitâmol-o.

De *A Patria*, de Lisboa:

"O Democrata,,

Completou o seu 5.º ano de publicação este nosso presado colégа de Aveiro, que, sob a direcção do sr. Arnaldo Ribeiro, tem sido um dos mais intemeratos defensores dos bons principios republicanos. Jubilosamente nos congratulâmos com o aniversario de *O Democrata*, que desejâmos vêr por muitas vezes repetido.

Sentimentos

Damol-os aos nossos amigos Francisco Pereira, pela morte de sua esposa tão prematuramente roubada do lar que, com tanta esperança havia constituido ha pouco mais de um ano, e Miguel Castro, de Oliveira de Azemeis, pelo falecimento de seu irmão, a ambos cingindo num abraço de condolencias.

Economias

Ainda a proposito do assunto sobre que escrevemos no numero passádo, sugerido pela local do *Seculo*, o mesmo jornal volta a dizer:

Deve fazer-se uma revisão dos processos das pensões de sangue, para que só se dêem a quem realmente délas necessitar

Sr. redator.—A comunicação feita no seu jornal de duas senhoras bem casadas receberem ainda do Estado 20$000 reis cada uma, sugeriu-me a idéa de tambem informar que o mesmo sucéde com o antigo ministério do ultramar, hoje ministério das colonias.

Asslm, senhoras que receberam pensão de sangue, por os maridos terem morrido em combate—nada mais justo—continuam a recebel-as depois de novamente casadas, e quasi todas muito bem casadas—o que é bem injusto.

Mas senhoras ha tambem que, pelo facto de os seus maridos, militares, terem estado no ultramar e morrido, aí ou aqui, de quaesquer doenças, conseguiram a pensão correspondente ao soldo do marido, como se este tivésse morrido em combate! De uma senhora sei que, tendo o marido, capitão do ultramar, falecido na Guiné, em 1902 ou 1903, de *angina pectoris*, recebeu, ha cêrca de tres anos, os ordenados em atrazo. Foi uma especie de sorte grande. Recebe, atualmente, a pensão correspondente ao soldo do falecido marido.

Seria uma obra justa e de moralidade, sobretudo de moralidade, que se fizésse uma revisão dos processos das pensões ás viuvas e filhas dos oficiaes, a fim de que só as recebam aquélas que délas precisem e que a élas tenham direito.—*Constante leitor.*

Sim senhor, é assim mesmo. Uma revisão dos procéssos das pensões ás viuvas e filhas de oficiais é o que naturalmente está indicado para não haver desigualdades nem injustiças. Que receba só quem tenha de receber, isto é, quem precise de ser auxiliádo porque, positivamente, éssas pensões não pódem constituir rendimentos privativos para éssas pessoas depois de ter cessado o motivo que determinou o seu estabelecimento.

O caso de Aveiro é bem frisante, porque se trata de duas senhoras bem casadas cujos maridos cértamente são os primeiros a reconhecer indevidas as pensões que todos os mezes recêbem a titulo de beneficencia e portanto concordes se acham em que nenhuma razão subsiste que tal permita. O contrário sería tanto mais para admirar quanto é verdadeiro o estarmos convencidos de que nem ao sr. tenente João Pedro Ruéla nem ao sr. dr. Adriano Pereira da Cruz os moveu o interesse néssas pensões, que sería indigno, sería aviltante quando ante-posto ao natural arrebatamento que os ligou ás senhoras com quem se acham casados.

Disso estâmos nós crentes pelo menos emquanto o invérso não demonstrar o erro dos que assim pensam.

EM ARADAS

Efectuou-se no domingo nésta importante freguezia do concelho de Aveiro o mercado que noutros tempos tinha logar no sitio denominado Outeirinho e que, sendo restabelecido agora, mercê dos esforços para esse fim empregados pela Comissão Paroquial, ali chamou de novo extraordinário concurso de povo realizando-se muitas e importantes transações.

Para comemorar a inauguração da feira o *Centro Eleitoral Republicano de Aradas* promoveu varias festas em que tomáram parte os alunos das escolas primárias e duas bandas de musica, havendo um cortejo para a plantação de arvores em diversos locais, que foi dos mais brilhantes que ali se têm levado a efeito.

A' noite inaugurou-se tambem o *Centro Republicano de Educação e Recreio do Outeirinho*, com o concurso de varios oradores désta cidade e que tem já avultado numero de socios. A sua instalação é na antiga residencia paroquial, contando os nossos correligionários adaptal-a convenientemente a fim de para que a tomáram de renda.

Só são dignos de louvores, que lhes não regateâmos, pelos esforços empregados para o engrandecimento da sua freguezia.

ALBANO DE MÉLO

Morreu na passáda sexta-feira, em Agueda, sua terra adorada, o sr. Albano de Mélo Ribeiro Pinto, director do periodico *Soberania do Povo* e antigo chefe do partido progressista no distrito de Aveiro.

Vitimou-o um ataque de diabetis de que foi acometido no tribunal de guerra, em Coimbra, quando, como patrôno, defendia um acusado de conspirador contra as instituições, causando o triste desenlace funda impressão entre os numerosos amigos que possuia.

O sr. Albano de Mélo além de ter sido agraciádo pela monarquia com a carta de conselho, exerceu, antes da proclamação da Republica, vários cargos públicos de importancia, foi deputado em diferentes legislaturas e governador civil de Aveiro onde, diga-se, respeitando a verdade, teve ensejo de mostrar o que nunca lhe negámos: inteligencia e ponderação.

O seu funeral, sem deixar de ser concorrido, não teve contudo, segundo ouvimos, a grandiosidade que se esperava devido á ingratidão manifestáda por muitos daqueles que mais favores dele receberam.

Sem excéção, as testemunhas de defêsa do *Camaleão* do Côjo, que fôram todas unanimes em declarar tambem que o réu, director deste jornal, era um homem de bem, honésto, digno e coerente, afirmáram que na parte respeitante á orientação politica do referido *Camaleão* nada poderiam dizer por diferentes motivos: umas por o pouco tempo da sua estada aqui, outras por que não liam jornais da terra e ainda outras porque os seus afazeres e negocios lhes não permitiam inteirar-se da marcha dos acontecimentos e questões politicos locais!...

O auditorio, que conhecia, porém, a verdadeira razão déstas declarações e o motivo porque as testemunhas se eximiam assim de dizer a verdade toda, sorria-se, trocando olhares claramente significativos de como compreendia a razão justificativa de tais motivos de ignorancia sobre a vida politica do queixoso, emquanto o sr. dr. Marques Loureiro fingia acreditar, como bôas, aquélas explicações, que na aparencia o satisfizéram, mas que no intimo—éssa justiça lhe fazemos—principiávam de apavorar-lhe o espirito, erguendo o véu com que aqueles que cá o trouxéram ha muito costumam cobrir os seus erros, as suas pecaminosas ambições e inapagaveis incoerencias.

Nem tudo o que luz é ouro, lá diz a sabedoría das nações...

Sabe, sr. Marques Loureiro?

NOTAS DA CARTEIRA

Com sua esposa esteve de passagem nésta cidade o nosso amigo Luís Pinto de Miranda, farmaceutico na Mealhada.

= Retiraram ontem para Lisboa afim de embarcarem de novo com destino ao Pará, os srs. Manuel Rodrigues Neto e José Rodrigues Neto, estimádos cacienses a quem desejâmos uma feliz viagem e as maiores venturas.

= Vindo do Quissol, Africa Ocidental, encontra-se em Vila Nova de Gaia o sr. Justino de Moura Coutinho, antigo assinante do Democrata.

Cumprimentâmol-o.

=Foi pedida em casamento para o sr. Antonio Osorio, filho do comerciante Eduardo Augusto Osorio, a sr.ª D. Laura Ferreira, gentil sobrinha dos nossos amigos srs. Antonio Maria Ferreira e Manuel Barreiros de Macêdo.

= Têve a sua délivrance *dando á luz um menino, a sr.ª D. Alice de Brito Tavares Pinto, esposa do sr. Amadeu Tavares Pinto, digno 2.º aspirante dos correios e telegrafos désta cidade.*

Os nossos parabens.

= Acha-se na Povoa do Varzim o sr. Francisco Reinol, director da Fabrica do Gaz.

= Esteve na quarta-feira em Aveiro o nosso presado amigo dr. José Lopes de Oliveira, medico em Azemeis.

A Festa da Arvore

Com o concurso dos alunos das escolas primárias e respectivos professores, realisa-se no domingo a festa nacional da Arvore por iniciativa do *Seculo Agricola*, conjugando-se nésta cidade todos os esforços para que déla não só resultem beneficios práticos como ainda tenha a coroal-a o brilhantismo de que deve ser revestido esse acto civico do maior alcance social.

Entre os rapazes das escolas nota-se um extraordinário entusiasmo pela aproximação do dia a que êles chamam *da sua festa* e que, não ha dúvida, déve ser bem um dia de invulgar regosijo para a mocidade se porventura lhe não faltar este sol acariciador que nos vem deleitando, enchendo de alegria o vastissimo espaço em que vivemos.

* *

O programa da *Festa da Arvore* a observar, e que nos foi enviado, é o seguinte:

1.º — Alvorada, ás 7 horas acompanhada de fogo do ar, pela banda do Asilo-Escola.

2.º — Parada ginástica, ás 10 horas, na Praça da Republica, por um pelotão de alunos da escola central masculina.

3.º—A's 13 horas, saída do cortejo da cêrca da escola central masculina, em visita ao govêrno civil, câmara, quarteis, liceu, asilos, escolas e colégios da cidade.

Junto dos edificios públicos, os alunos cantarão a *Portugueza*, a *Maria da Fonte* e o *Hino da Bandeira* e junto das escolas o *Hino das Escolas*.

A seguir far-se-á a plantação da arvore na Praça do Marquês de Pombal. O cortejo é acompanhado, em todo o percurso, pela banda do Asilo.

4.º — A' tarde *lanch* e sessão cinematografica, dedicada ás creanças das escolas.

IMPRENSA

Recebemos a visita de mais dois novos jornais que principiáram a publicar-se o primeiro no Porto com o titulo *A Justiça*, destinádo a tratar exclusivamente de assuntos forenses e o segundo em Coimbra, *A Educação Nova*, orgão dos alunos do Internato Academico.

=*O Desforço* é um semanário que se publíca em Fafe sob a direcção do velho republicano Artur Pinto Basto e que agora acaba de completar o seu vigessimo ano.

Cumprimentâmol-o.

Ainda o nosso julgamento

Tambem colégas houve que, juntando as suas, ás palavras amigas que particularmente nos tem sido dirigidas por avultado numero de correligionários, quizéram significar-nos a sua solidariedade a proposito do processo que nos foi movido pelo editor do *Camaleão*, o que reconhecidamente agradecemos.

Dentre esses destacâmos o *Povo de Agueda*, *Progresso de Alquerubim* e *Patria*, de Ovar, que dizem, pela ordem indicáda, o seguinte:

"O Democrata,,

«Respondeu no dia vinte do mez passado no tribunal de Aveiro o director do *Democrata*, o velho e intemerato republicano Arnaldo Ribeiro que na imprensa do país ocupa um logar de subido destaque pelas qualidades de jornalista brilhante e intransigente. O tribunal repreendeu-o e obrigou-o a pagar as custas e sêlos do processo. Já no tempo da monarquia acontecia que os jornalistas republicanos eram levados aos tribunais para se fazer calar a vóz da justiça indignada. Tambem agora um antigo jornalista monarquico vai para os tribunais para que estes o salvem como se questões entre jornalistas não devessem ser liquidadas nos proprios jornais onde escrevem.

Parece que esta gente se esquece que acima das decisões dos órgãos judiciais, e acima dos seus veridictuns ha o tribunal da opinião publica incorrutivel e sagrado, e esse há já muito que absolveu Arnaldo Ribeiro prestando-lhe todas as homenagens. A idêa republicana feita sacrificio e apostolado não se deixa sucumbir pelos ataques que sejam vibrados ass que a defendem. E' por isso que Arnaldo Ribeiro depois dêste julgamento mais estimado e mais querido deve ser pelos antigos republicanos que, apezar de ingressados hoje em partidos politicos diferentes, evocam, com saudade, os tempos da propaganda em que os mastins, alguns dêles, hoje, fingidos republicanos, lhe ladrinchavam ás canelas, furiosamente, as suas convicções monarquicas.

E aproveitâmos a ocasião para mais uma vez testemunharmos a Arnaldo Ribeiro a nossa mais alta consideração e o nosso mais subido apreço».

Do *Progresso de Alquerubim*:

"O Democrata,,

«Foi este nosso colléga julgado no sabádo, 22 do mez findo, no tribunal judicial de Aveiro, por abuso de liberdade de imprensa, a requerimento do sr. Firmino de Vilhena, redactor do *Campeão das Provincias*. Do queixoso foi advogado o dr. Marques Loureiro, natural de Vizeu, e do nosso intemerato colléga do *Democrata*, o dr. Ai Couto, de Oliveira e Azemeis.

A sala do tribunal estava absolutamente ocupada, tanto fóra como dentro da teia divisória. Todo o trabalho de patrono do queixoso consistiu em habeis expedientes de momente, tendentes a atenuar a prova testemunhal, que chegou a ser profundamente esmagadora.

Bem mais valia, em verdade, deixar perder-se no decorrer do tempo, as frases agressivas e consideradas injuriosas pelo queixoso, do que permitir, como sucedeu, que o réu as provasse em pleno tribunal como indiscutivelmente verdadeiras.

Não toléra a lei de imprensa a injuria pública mas, feita éla, admite a sua prova. Foi tal qual aconteceu e de aí apenas, ser repreendido o réu, repreensão porém que fica consignada na sentença e nada mais. Não imagine o leitor que o réu ouve, a pé quedo, alguma censura por parte do juiz. Pelo codigo respectivo essa simples pena implica o pagamento das custas por parte do nosso colega do *Democrata*, Arnaldo Ribeiro, a quem enviâmos as nossas saudações pelo seu triunfo, que marca nos anaes da imprensa local uma data e uma prova, que muito tarde se esquecerá».

De *A Patria*, de Ovar:

«Ao nosso estimado colléga aveirense *O Democrata* manifestâmos a nossa simpatía pela campanha de moralidade que vem fazendo e em virtude da qual acaba de ser condenado no tribunal de Aveiro».

Questões de pesca

Veio ontem a Aveiro uma numerosa comissão de pescadores da Murtoza afim de se entender com os srs. capitão do porto e governador civil sobre a proibição da pesca no rio durante o tempo defeso.

Ambas as autoridades responderam não poderem alterar a lei pelo que os pescadores terão de se sujeitar ás prescrições néla estabelecidas visto serem para seu exclusivo interesse.

Paralélos

O sr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, que não tem podido fugir á influencia do meio... familiar, é hoje *republicano democratico* embora esteja na memoria de todos, o afan com que êle aí se apresentou ao serviço da ultima situação regeneradora, de automovel abaixo, automovel acima, na conquista de elementos para o triunfo daquéla causa, então santa, justa e digna como digna, justa e santa foi a dos progressistas e depois a dos dissidentes e agora é a republicana. A lealdade e a dedicação com que êle serve o seu atual partido evidenciou-se nas declarações que o seu amigo e antigo correligionario Marques Loureiro fez publicamente nas salas do tribunal désta cidade e que aquí já referimos.

Admitindo que o sr. Artur Costa tivésse sido monarquico, aderindo e aceitando o novo regimen após a sua implantação, como um facto consumado, protestâmos, contudo e comnosco todos os bons republicanos, contra o confronto e identificação que o sr. Marques Loureiro fez entre esse cidadão e o seu constituinte Firmino de Vilhena. Se Artur Costa foi monarquico dentro dum só grupo, ainda que tivésse sido o temeroso chefe dirigente das tétricas eleições de 28 de agosto em Figueira de Castélo Rodrigo, como referiu o sr. Marques Loureiro, não póde sofrer comparação com Firmino de Vilhena que passou por todos os campos politicos da monarquia servindo-os com igual dedicação, como tenta *servir* o regimen atual.

O sr. Artur Costa não foi progressista, depois regenerador, acompanhando o governador civil déssa situação, como fez Firmino de Vilhena indo com o sr. Vaz Ferreira por éssas terras fóra á compra de votos.

Artur Costa não foi franquista, não foi dissidente, não insultou os republicanos vomitando sobre êles os epitetos mais injuriosos dos quais não fôram excluidas as proprias esposas e mais senhoras das suas familias. Artur Costa não levou ao exagero o seu amor aos principios monarquicos, ultrapassando as raias do fanatismo por éssa idéia em demonstrações tão estrondosas e retumbantes para serem consideradas como abso lutamente indistrutiveis e comtudo, passadas horas, se repetirem, não pela monarquia, mas pela Republica!!!

Firmino de Vilhena tudo isto tem evidenciado na sua tristissima e repugnante odisseia de politiquice desvergonhada e miseravel.

Querer fazer um paralélo entre estes dois homens para convencer o público de que se um irmão do presidente do conselho de ministros tem direito a ser acreditado e aceite como verdadeiro republicano, apezar de ter sido monarquico até á vespera da revolução, Firmino de Vilhena, apesar de todo o seu odioso passado, está em igualdade de circunstancias, chega a ser um crime.

¿Quem vem a um tribunal fazer tão aviltante comparação, e deprimente confronto, que não só fere os caratéres dos srs. Artur e Afonso Costa, como se reflete dolorosamente no proprio regimen, que de tal paralélo nos convencemos que só é servido, não por dedicados e sinceros soldados, mas por ambiciosos e mesquinhos cidadãos, que, como Firmino de Vilhena, acompanham todas as situações com tanto que delas aufiram os beneficios de momento?

E' o antigo progressista Marques Loureiro, é o patrono dum individuo que quiz provar no tribunal que não era merecedor dos adjectivos com que classificâmos toda a sua repugnante vida politica e particular visto, á viva força, não querer separar as duas, o que o tribunal aceitou admitindo-nos a prova, que foi esmagadora. Pois foi esse advogado do *Camaleão*, que não é republicano, segundo declarou,—porque não se conseguiu um republicano que o viesse defender, esta é que é a verdade —e que a pedido do dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, deputado democratico, aí se fez ouvir na defêsa da causa do queixoso, medindo pela mesma bitola politica, baixa, miseravel, indigna o sr. Artur Costa e Firmino de Vilhena!

E' mais um serviço que o sr. Afonso Costa e o seu partido ficam devendo ao sr. Barbosa de Magalhães, deputado desse mesmo partido e amigo muito sincero do seu chefe e mais membros da sua familia.

Saude e... Fraternidade...

Teatro Aveirense

Tem logar ámanhã nésta casa de espectaculos a apresentação da grande orquestra do *Club dos Galitos* composta de 40 executantes e que nos dizem estar magnificamente ensaiada pelo seu regente, o mestre da banda de infanteria 24 sr. Antonio Alves.

O programa está assim elaborado:

PRIMEIRA PARTE

(Pela orquestra)

1.º—Hino do *Club dos Galitos*—A. Alves.
2.º—**Aida** (*Marcia Trionfale*)—Verdi.
3.º—*La Boheme*—Puccini.
4.º—*Giralda*—Gognoni

Intervalo

SEGUNDA PARTE

(Canto pelos tenores Alvaro Lé e Aurélio Costa)

1.º—**Guarany**—A. Carlos Gomes. *Gazone dell'Avventuriere*—por Alvaro Lé.
2.º—**La Viuva Alegre**—Franz Lehár. *Cancion del Conde Danillo*—por Aurélio Costa.
3.º—**Rigoletto**—Verdi. *Ballata*—por Alvaro Lé.
4.º—**Il Pagliacci**—R. Leoncavallo. *Recitativo ed Arioso*—por Aurélio Costa

Intervalo

TERCEIRA PARTE

Sessão de Cinêma

Intervalo

QUARTA PARTE

(Pela orquestra)

1.º—**Joanne d'Arc**—Rossini.
2.º—**Rapsodia Húngara**—Lizt.
3.º—**Fausto** (Fantazia)—C. Gounoud.

Vão entrar em brêve na cadeia o "Melro,, e companheiros que, no tribunal de Oliveira de Azemeis, responderam e fôram condenádos por contratarem, a trôco de dinheiro, o livramento de individuos do serviço militar.

Todavía em Aveiro continúa este triste espectaculo: o medico miliciano Pereira da Cruz, revestido do maior cinismo, percorre as ruas da cidade onde todos o apontam como ainda mais criminoso do que o "Melro,,, posto que queira aparentar de inocente!

Póde isto ser sem descrédito para a Republica?

SANEANDO

III

Dignidade e responsabilidade

Eis-me de novo no trabalho de saneamento, interrompido no ultimo numero para dar logar á defêsa do sr. Nunes, para ter a alegria de ouvir a refutação dos srs. *Silvas*, que prometeram derrubar, a firmes martelâdas, todos os factos que descrevi, polvilhar todos os personagens que apresentei no desempenho das suas funções no célebre e arreliador despacho do oficial de deligencias. Era ésta a minha obrigação de adversário leal, mórmente depois que o sr. Nunes da Silva declarou que, quando eu terminasse, ele principiaria a falar. Cedi de vontade ingénua á esperança déssa promêssa que o numero seguinte do *Radical* me veiu roubar tão descaradamente. Não me magoou o arrependimento da espera, porque nunca me arrependo de ter cumprido com o dever e a delicadeza para com os meus adversários; sómente lastimo o tempo perdido, riqueza banal para quem desconhece o amôr ao trabalho.

Quando no dia 20 apareceu nas ruas o orgão do sr. secretário da câmara, todo presuroso fui procurar a refutação do que tenho escrito e por mais cauteloso na busca, apenas se me deparou a triste afirmativa de que o sr. Nunes da Silva não possuia esse tão anunciádo elixir de destruir verdades. Vi que nenhum argumento em oposição apresentava, notando simplesmente uma fuga vergonhosa do campo da discussão. Em vez de me sentir satisfeito, declaro que fiquei arreliádo por me vêr com um adversário que engoliu as armas com que tão arrogantemente se havia apresentado no campo da lucta. E' o que nos mostra a local—*Passe a enxurrada*... que o *Radical* desse dia continha no seu interior.

Diz lá o sr. Nunes que passei para o campo pessoal mas que nesse sentido me não acompanha por ser nórma sua não atacar ninguem pessoalmente. E' de tão grande atrevimento éssa declaração que nunca julguei que houvésse alguem capaz de fazer figura tão triste, tão carnavalêsca, sem mudar de cara e fatióta. Quem passou para o campo pessoal foi o sr. Nunes desde o inicio désta polémica, mas nunca me encontrou aonde ele tanto desejava, porque, fazer-lhe a vontade, era desvirtuar o fim que me propuz alcançar e que ei-de conseguir. Não é preciso dar tratos á memória nem ao raciocinio para o demonstrar. Basta lêr os numeros do *Radical* que todos eles o afirmam, até mesmo a propria local a que me repórto.

O sr. Nunes da Silva disse que eu mentia infamemente e que caluniáva, mas nunca o provou. E quando numa discussão semelhante termologia se emprega sem ter uma base solida, uma demonstração, quem a emprega é quem insulta. Isto é o que se passa entre individuos que sabem o que dizem e que tomam a responsabilidade do que afirmam. Pois o sr. Nunes disse e não provou, e quem foge para o campo pessoal? Mas não fica infelizmente só comigo esse procedimento; vai até ao dr. Correio de Lemos. Se não, vejâmos.

Havendo eu afirmádo que este nosso correligionario, de cujo nome me servi com autorisação de S. Ex.ª, declarou, depois de ter lido o *Democrata* na parte que lhe dizia respeito, que todas as minhas frases eram a pura expressão da verdade, o dever do sr. Nunes era demonstrar com factos e com argumentos a falsidade dessa declaração ou retirar as expressões de que se havia servido. Nem uma nem outra cousa fez. Conservou, portanto, sem prova as suas amaveis frases. E' isto a que se chama uma discussão de factos ou de ciencia? Não; é um ataque de criança que ignora as régras da sociedade. E', em ultima analise, um insulto, um ataque pessoal.

Todos os numeros do orgão dos srs. *Silvas* o afirmam e o leitor póde percorre-los se não lhe causar incomodo, que terá imediatamente a verdade; porém, se não estiver disposto, queira lêr com atenção a local a que me venho referindo, que chegará ao mesmo resultado. E' quando se refere aos cidadãos com quem travei polémica ou discordei do seu parecer. Apesar de não haver ligação de assunto com a questão do oficial de deligencias nem paridade de discussão, o sr. Nunes foi chama-los, usando dos seus nomes, não sei se com autorisação, na dôce esperança de tirar daí força de argumentos para provar que eu atáco sempre pessoalmente e não já para rebater as minhas afirmações; mas foi tão miope na sua observação que arranjou lenha para se queimar.

Entre éssa lista de nomes há apenas dois com quem tive questões pessoais—Custodio Pinto de Carvalho e Alfredo Andrade—questões resultantes destes meus ex-amigos se colocarem ao lado dum membro da **liga azul** que, depois de me ter convidado para sua casa, aí me insultou, chamando *garotos* e *malandros* aos republicanos. E o sr. Nunes da Silva, cégo na quêda, não se quer lembrar de que nesse tempo censurou asperamente o procedimento desses dois cucujanenses.

Então fôram fustigados; hoje abraçados, apesar da questão estar egualmente esclarecida. São as atrapalhações do afagado, obscurecendo a memória e a razão.

Os cidadãos restantes da lista fôram por mim criticádos, não na sua personalidade individual, mas em assuntos politicos, administrativos e cientificos.

Essas questões são em demasia conhecidas publicamente para de novo fazer o seu relato; apenas merecem neste instante atenção especial dois, porque não são bem conhecidos e porque revelam nitidamente a argumentação dos srs. *Silvas*. Quero referir-me ao dr. Freitas (medico) e ao Durbalino Larangeira.

O meu colléga Freitas foi abordado numa local intitulada—*Um pouco de ciencia*, em que demonstrei não se terem seguido as régras dos exames periciais, em que provei ter havido uma grande falta no exame pericial de uma criança—exame bacteriologico do corrimento. E tanto a razão estava do meu lado que os peritos, dr. Freitas e dr. Antonino, recolheram depois éssa serosidade vaginal e a enviáram ao Porto para se fazer o exame bacteriologico a que eu me havia referido. Foi uma questão de ciencia onde o *magister dixit* é intoleravel, e não uma questão pessoal. O meu colléga Freitas não olhou esse meu procedimento como um ataque á sua pessoa, nem por isso cortou as relações comigo. Andou, é verdade, algum tempo de relações frias, sem me cumprimentar, mas por causa duma intriga de mim desconhecida, como o proprio Freitas mo declarou perante o dr. Correia de Lemos, Fernão de Lencastre, dr. Freire Pimentel, dr. Carrelhas e Eduardo Fonsêca.

Foi a intriga, a falsidade, o córte temporário das relações amigas que mantinha e mantenho com o dr. Freitas e que agora serve de argumento poderoso ao sr. Nunes da Silva! O que o dr. Freitas lançou fóra enojádo, revoltado pela infamia, é acariciádo entre beijos de sofrego contentamento pelos srs. *Silvas*!

E' uma prova bem frisante de que o sr. Nunes tenta fugir da discussão encetada para o melindroso campo pessoal.

Emquanto ao Durbalino Larangeira, foi uma questão eleitoral em que eu só tive a culpa de levar muito longe a minha lealdade de correligionário para aqueles com quem numa convivencia democrática lidei durante muito tempo a dentro da comissão paroquial politica de S. João da Madeira de que fazem parte. O sr. secretário da câmara foi um dos maiores culpados néssa questão eleitoral. Eu conto.

Na vespera do acto eleitoral recebi um cartão do dr. Freitas para ir assistir á assembleia de Cezár. Fui e lá me conservei com a lei na mão, pronto a protestar contra qualquer irregularidade. Mas, antes de partir, escrevi uma carta ao Durbalino, recordando-lhes a lei organica do Partido Republicano e os cumpromissos tomados por todas as comissões paroquiais numa reunião de escolha de candidato, reunião a que não assisti mas de que soube a resolução tomada. Dias depois soube, bem como o sr. Nunes, de que diziam cousas extraordinárias relativas a éssa carta, e numa local pedi ao Durbalino a publicasse, favor que reclamei em nome da *nossa amizade se ainda existisse*. Aonde é, pois, que está a questão pessoal?

O meu papel foi insignificante nesse acto de eleições; mas o do sr. Nunes foi deveras revelador dos habitos que adquiriu quando estava ás ordens dos seus *amos*. O sr. Nunes foi, apesar dos meus conselhos em contrário, pedir vótos de porta em porta como tinha feito no tempo da monarquia.

O caso do Durbalino Larangeira é deprimente para o sr. Nunes da Silva como é o caso do dr. Freitas.

Com os outros cidadãos da lista não tive questões pessoaes como o podia demonstrar se não fôsse fastidioso.

E' a eterna cegueira dum cerebro desorientado pelo despeito e pela ignorancia.

O sr. Nunes da Silva chamou-os á baila da questão para poder dizer em desabafo: *êsses bastam... para nos vêrmos em bôa companhia*. Acredito que seja uma aspiração sua, uma verdade individual; mas resta provar, porque êles ainda não o declararam, se todos dirão a mesma cousa a seu respeito. Convencido estou de que alguns preferem a companhia déste *mentiroso infame* á do sr. Nunes da Silva. Mas isso só êles o poderão dizer.

Sintetisando o que deixo escrito, posso dizer afoutamente que o sr. Nunes com tal argumento em vez de nos ferir, feriu-se profundamente.

* * *

Para mostrar mais provas da fina e verdadeira argumentação do sr. Nunes, vou referir-me á local do mesmo n.º 217, que mostra a mancebia do sr. Silva com a deturpação da verdade.

Num n.º do seu orgão, disse o sr. Nunes que os magistrados superiores da nossa comarca *não eram respeitadores da lei e da moralidade*. Isto é um ataque á dignidade profissional e individual dêsses magistrados, que de sobra provas tem dado da austeridade do seu caracter e da sua rija envergadura judicial. Se o sr. Nunes da Silva provasse a existencia déssas frases, o ataque era justo e necessario; mas como não apresentou até hoje éssa prova nem fez declaração alguma de arrependimento, todos os individuos que veem pelo prisma da imparcialidade a justiça, são unanimes em dizer que êsses magistrados fôram insultados e caluniados. Sem a força das almas temperadas pela sentimentalidade sádia, o sr. Nunes não apaga pelo seu proprio punho éssa injustiça, antes se esforça, numa vontade manifesta, por lançar sobre mim a paternidade dêsses insultos!

O desplante da local *Passe a enxurrada*... é duma força de classificação tal que basta para definir um caracter.

* * *

As provas amontoam-se em peso esmagador para se poder dizer bem alto que o sr. Nunes da Silva falta á verdade com o firme proposito de derrubar e enxovalhar o seu adversario, escondendo-se no repugnante manteu do anonimato para não tomar a responsabilidade dos seus actos.

Numa local respeitante á ultima assembleia do partido republicano concelhio pôz em jogo mais uma vez este processo de combatente e de emerito jornalista. Essa local, escrita em estilo jesuitico, nem de relampago foi bafejada pelo aroma da verdade, unicamente para me anavalhar. O que se passou néssa reunião, resume-se a pouco.

O cidadão Baltar Martins propôz para que se mandasse uma **nota oficial** das deliberações tomadas ao *Radical* como o unico jornal republicano do concelho. Insurgi-me contra éssa proposta, dizendo que, não sendo o orgão do partido, não se devia mandar éssa nota. Depois de várias apreciações trocadas entre alguns assistentes, o cidadão Agnelo declarou que, se o *Radical* estragava o partido, já o vinha sendo desde o primeiro n.º, época em que eu fazia parte da sua redacção. Respondendo disse-lhe que nêsse tempo o jornal era propriedade, não do partido, mas de tres cidadãos e que tomava, como tomo sempre, inteira responsabilidade do que faço ou escrevo e mais disse que ultimamente esse jornal tinha atacado **os principios democraticos**. O que então disse, hoje o repito e o provarei sempre. As palavras que o sr. Nunes pôz na mi-

nha bôca, não as pronunciei; que o digam Antonio de Bastos Nunes e outros. E' tambem mais uma prova de que fui eu quem fugiu para o campo pessoal! Como isto é triste!

Mas, pondo estas razões de lado por um instante, diga-me o leitor desapaixonado: que vantagens teria eu para deixar o campo da discussão séria e de facto para passar para o insulto, para a questão pessoal?

Já alguns dos meus argumentos fôram desbaratados pelo sr. Nunes? Já fôram destruidas a minha argumentação e os meus factos? Nem a mais leve arranhadura sentiram, o menor abalo sofreram. Tudo se conserva firme e inabalavel. O sr. Nunes da Silva escreve sómente para... não publicar logo a correspondencia por falta de espaço roubado pelo variado e palpitante original de que sempre em abundancia dispõe. E' sempre o mesmo homem, vestido da mesma armadura de combatente.

O sr. Nunes da Silva é, repito, o autor dos boatos; falta sempre á verdade; tem por arma predileta o insulto; não teve ainda um gesto de hombridade para arcar com a responsabilidade de tudo o que tem feito nésta questão do oficial de deligencias.

A lama com que tentou salpicar o caracter de homens honestos, ficou-lhe prêsa ás mãos para todo o sempre. A espuma raivosa, que, por entre um ranger de dentes de despeito esfomeado, se escapa em grosso fio escaldicante, não conspurca sequer o nome daquêles que não lhe deixam saciar os seus instintos de outras eras. Inunda-se no charco onde deseja-va sepultar os seus adversarios, que de cabeça erguida contemplam, enojados, o morrer de uma alma que não soube vibrar a melodia dum sentimento que até o proprio inimigo subjuga num bravo de admiração consoladora!

O. de Azemeis—5—III—913.

O medico, **Lopes de Oliveira**

Teatro Avenida, de Lisboa

A CELEBRE REVISTA

A'lérta!

Sucésso grandioso, sem rival, nem precedentes! —Para vêr a famosa peça, afluem, todas as noites, ao Teatro Avenida, *de Lisboa, milhares de pessoas*

Nêste momento, em Lisboa, o grande acontecimento, no que se refere a espectaculos é constituido pela revista intitulada **A'lerta!**, em cêna no teatro Avenida.

Peça alegre e movimentada, ocupando-se dos mais recentes acontecimentos, o que lhe dá uma palpitante atualidade, com critica audaciosa, e tão mordaz como justa aos factos que, ultimamente, teem preocupado o espirito português, a revista **A'lerta!** é, no seu genero, uma obra modelar, possuindo todos os requisitos para agradar aos mais exigentes.

Os seus tres belos actos estão repletos de ditos de espirito e de situações admiraveis, que, sem excessos, nem inconveniencias, fazem rir o publico, estrepitosamente, o qual interrompe, inumeras vezes, a representação, com os seus vibrantes aplausos.

A revista **A'lerta!** é um grandioso exito, expontaneamente assinalado por todo o publico e pela imprensa; as recitas da famosa peça contam-se, no Avenida, pelas enchentes, sendo raros os espetaculos em que os bilhetes se não esgotam completamente!

Na peça ha graça, vida, animação, o que é extraordinariamente realçado por um ótimo desempenho, facto que não surprende, visto ser a companhia de opereta do Avenida, a mais completa e numerosa que existe em Lisboa.

A' frente désta encontra-se o nome prestigioso de Angela Pinto, a artista inegualavel, que é uma das mais autenticas glorias da cêna contemporanea. A esta foram distribuidos numerosos papeis como os de *Fabiano*, em que diz uma cançoneta deliciosa, *Lavandeira*, em que é encantadora de graça e simplicidade; *boy scout*, em que se apresenta com um *travesti* elegantissimo; *Rata sabia*, em que manifesta toda a vivacidade; a *Historia* em que se revela altiva, como a indole da personagem indica e finalmente a *Rua* em que é assombrosa, dizendo éssa comovente e expressiva tirada com toda a sua alma de artista previlegiada. Ha, ainda, a mencionar, da referida artista, o seu trabalho na *Generica* em que tem ensejo de patentear toda a maleabilidadê do seu peregrino talento.

Tem ainda, na béla e engraçada revista, esplendidos trabalhos Armando de Vasconcélos e João Silva, que a atravessam, interpretando os papeis de *compadres*, Carmen Osorio, Flóra Dison, Isabel Ferreira, Maria Litali, Maria Vitoria, Isaura Ferreira, Beatriz Pereira, Egidia de Oliveira, Marianela, Maria Fonsêca, Martins dos Santos, Sebastião Ribeiro, Caetano Reis, Alfredo Ruas, Sampaio, Torres, Duarte Silva, Justiniano Gouveia e muitos outros.

A musica da revista concorre, poderosamente, para o exito obtido: amoeda-se ás situações, é bonita, alegre, sem complicações, ficando logo ás primeiras, no ouvido.

A peça está esplendidamente encênada por Armando de Vasconcélos tem apoteoses surpreendentes, sendo dum maravilhoso efeito a do 2.º acto, de Eduardo Reis, pae. O guarda-roupa é tambem de aprimorado gosto, concorrendo tudo isto, em conjunto, para o exito verdadeiramente formidavel da revista **A'lérta!**, peça que por estes motivos não duvidâmos recomendar aos nossos leitores, como sendo, sem contestação, o que de melhor se apresenta, atualmente, em Lisboa.

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pó, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveia, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa

33-A—Rua Direita—AVEIRO.

Conflito na ria

No sabado passado quando uma das lanchas percorria, em serviço de fiscalisação, a ria nas proximidades do Carregal foram sobre ela disparados alguns tiros, facto que foi devidamente comunicado á capitania.

Na ultima terça-feira foram mandadas sair de novo as lanchas indo a bordo o proprio capitão do porto que, muito acertadamente, queria ser testemunha de qualquer ocorrencia que viesse a dar-se e de que o facto anterior era um aviso seguro.

Não se enganou sua ex.ª nas suas previsões. Encontrando no referido sitio do Carregal, na parte pertencente ao concelho d'Estarreja, um barco que contra as disposições da lei em vigor vinha carregado de *moliço*, este foi de proposito encalhado pelos seus tripulantes que, fugindo, principiaram de, por meio de sinais, toques em buzios, chamar os habitantes daquela região que acudiram armados de diversos utensilios de lavoura e pesca, com espingardas á mistura. Esta atitude não amedrontou a autoridade, que mandou aprender o barco passando-lhe uma espia para o reboque sendo nésta altura, tanto éla como os marinheiros ofendida com insultos, grande arruaça e alvejados com alguns tiros a que as praças responderam exclusivamente para manter em respeito os amotinados, que, habituados a nunca respeitarem as determinações superiores, se supõem nas circunstancias de continuar não cumprindo nem respeitando o que a lei lhes impõe.

Dêste logar tem sido varias vezes corridos e ameaçados varios empregados que de diversas repartições ali tem tentado ir no cumprimento de varias missões de serviço. Assim sucedeu aos das obras publicas, aos da hidraulica e agora aos da capitania do porto que, segundo nos informou o digno comandante sr. Silverio Rocha, não está por principio algum resolvido a permitir que se desrespeite o cumprimento da lei da qual êle é o rigoroso fiscal.

Está sendo levantado o respectivo auto, que seguirá os tramites legais afim de serem pedidas sevéras contas aos autores da sedição armada contra a autoridade.

Que a lição aproveite e que todos se convençam que a lei tem de ser acatada e os seus representantes respeitados

Comunicados

Sr. Redactor

Para restabelecimento da verdade vinha pedir-lhe que, no seu jornal, desmentisse o que âcêrca da dissolução da sociedade da casa *Peixinho, Irmãos e C.ª*, de Cabinda, foi publicado sob a responsabilidade do sr. João dos Santos Veiga por os factos se não terem passado conforme a declaração dêste senhor, mas sim duma maneira bem diferente, como oportunamente se demonstrará.

Felizmente que a casa dos meus irmãos é das mais prósperas que existem na Africa, estando por isso acima de quaisquer suspeitas levantadas com o intuito de os prejudicar no seu negocio.

Aveiro, 4 de Março de 1913.

Luiza Candida de Almeida Peixinho

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
9	RIBEIRO
16	ALLA
23	BRITO
30	REIS

Festejos do S. Simão na Quintã do Loureiro

Aviso aos feirantes

Previnem-se os interessados que costumam concorrer com as suas manufaturas ou produtos agricolas á feira do S. Simão que a festa será transferida, a partir dêste ano, para o primeiro domingo do mez de Setembro (S. Miguel).

O Juiz e Presidente da Comissão dos festejos,

João Afonso Fernandes

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 3

Teve ontem logar na casa da escola do sexo masculino désta freguezia uma reunião das pessoas mais gradas, para se tratar da *Festa da Arvore*. Abriu-se uma subscrição que rendeu perto de 70$000 reis, mas ha muito dinheiro oferecido para tal fim.

Vai fazer-se a festa com o maior brilho possivel: cortejo, plantação das arvores ao som da musica, trabalhos ginasticos por um prático e no fim um bôdo a todas as crianças que frequentam as escolas. O principio da festa será anunciádo por alvorada com musica e fogo.

Ha grande entusiasmo, e esperâmos que os subscritôres ficarão contentes, e muito mais contentes ficarão as crianças a quem vai ser fornecido um delicado *lunch* que será servido pelas senhoras da *elite* alquerubinense. Estâmos cértos de que será este um dos numeros mais bélos do programa. Ainda não está marcado o dia para a festa.

= Encontra-se doente o sr. José Carvalho Miranda, a quem desejâmos rapidas melhoras.

C.

Cacia, 4

Sabemos que fôram recebidas com bastante entusiasmo pela colonia de Cacia em Lisboa as listas de subscrição para as festas do S. Simão da Quintã do Loureiro, que este ano se realizam nos dias 7, 8 e 9 de Setembro.

Espera-se que a referida subscrição atinja uma importancia bastante avultada, o que dará ensejo a realizarem-se as festas com uma pompa e magnificencia nunca vistas. Egualmente nos constou que alguns patricios residentes na capital pensam em conseguir da Companhia dos Caminhos de Ferro um comboio especial a preços reduzidos para serviço das mesmas festas. A ideia é bôa. Oxalá a possam levar á prática.

Será désta feita que o nosso apeadeiro passará a estação? Talvez, visto que se trabalha com afinco para o conseguir. Um grupo de patricios, cujos nomes por ora não estou autorisado a publicar, meteu hombros á empreza, afim de se conseguir tão util melhoramento. Se o obtiverem terão jus, como ninguem, á gratidão désta freguezia.

= Quando se realizarão nésta freguezia todos os actos do Registo Civil?

Quando será que os interesses gerais duma freguezia inteira deixarão de estar á mercê dos interesses privados de qualquer funcionario público que assim o entenda?

C.

Videiras americanas

Enxertos e barbados das castas mais produtivas e resistentes. Qualidades garantidas e enxertos de pereiras de excelentes qualidades.

Vende *Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho*, Aveiro —REQUEIXO.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol doce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas. Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc. CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER QUE VÃO DIRECTAMENTE DAS FABRICAS AO COMPRADOR

VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA. MAXIMA DURAÇÃO. MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—Filiaes: em Ilhavo, *Praça da Republica*.—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5*

Anuncios

Emprestimos sobre penhores

N'esta acreditada casa, por um juro limitadissimo, empresta-se dinheiro sobre todos os objectos que offereçam garantia como: ouro, prata, brilhantes, roupas, mobilias bicycletas, etc., etc.

Os emprestimos são realisadós estando os srs. mutuarios completamente sós.

Absoluta seriedade e segredo em todas as transacções.

João Mendes da Costa.

Edital

Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha, 1.º tenente de Marinha e capitão do porto de Aveiro

Faço saber que no dia 10 de Março proximo futuro pelas 10 horas da manhã no edificio da capitania do porto em Aveiro se procederá ao arrendamento em hasta pública dos moliços arrolados na borda da Mata de São Jacinto e praia anexa, pelo praso de um ano, achando-se as condições da praça patentes no mesmo edificio em todos os dias uteis das 9 horas 1½ da manhã ás 3 horas 1½ da tarde.

A licitação será verbal sendo a base a renda anual de 120$000 reis pagos em quatro prestações.

Capitania do porto de Aveiro, 25 de Fevereiro de 1913.

O capitão do porto,

Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha.

VENDE-SE um predio na Povoa do Passo.

Para tratar com Rosa Lopes dos Santos, residente no mesmo logar ou José Maria Marques, na rua do Montebélo, 129—Porto.

Oficial de alfaiate

Precisa-se para trabalhar por obra ou por dia, com bom ordenado.

Nésta redacção se prestam informações.

CAVALO

Vende-se um de 5 anos, castanho escuro, medindo 1.m 46. Trabalha só e de parelha e a selim.

Para tratar com José Maria da Costa Junior, ao Côjo.

Adéga Social

Rua da Revolução

Os proprietarios déste estabelecimento participam aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que abriram no dia 4 a sua adéga para venda dos seus vinhos, ao preço de 70 reis o litro (branco) e 55 reis (tinto). Abafado a 150 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 160 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,

FERREIRA & IRMÃO

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

EMPREZA FABRIL E COMERCIAL, LIMITADA

(Saboaria a vapor)

Vila Nova de Gaya

RUA SOARES DOS REIS N.º 328

TELEFONE N.º 419--ENDEREÇO TELEGRAFICO--**Saponaria**--*PORTO*

Esta Fabrica vende para a Provincia a todos os revendedores

O NOSSO SABÃO É SEMPRE PREFERIDO

TEATRO AVEIRENSE

CINEMATOGRAPHO

AOS DOMINGOS-TERÇAS QUINTAS E SABADOS

DUAS SESSÕES AS 7½ E 9 H. DA NOUTE

SEMPRE QUATRO ESTREIAS!

FITAS DRAMATICAS ARTISTICAS COMICAS E NATURAES DAS CELEBRES CASAS VITAGRAPH E GAUMONT

PROGRAMAS DO CHIADO TERRASSE DE LISBÔA E PASSOS MANOEL DO PORTO